

QUE LUGAR PARA AS DROGAS NO SUJEITO? QUE LUGAR PARA O SUJEITO NAS DROGAS? UMA LEITURA PSICANALÍTICA DO FENÔMENO DO USO DE DROGAS NA CONTEMPORANEIDADE*

Cynara Teixeira Ribeiro

Psicóloga, formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); membro do Núcleo de Psicanálise e Sociedade da PUC-SP.

RESUMO: Universal e milenar é a prática humana de consumir drogas. Para a psicanálise, a maior visibilidade desse uso na contemporaneidade está relacionada ao que Lacan denominou discurso do capitalista. Tomando esse discurso como orientador do agir na atualidade, pretende-se discutir como esse discurso se relaciona ao uso de drogas na sociedade contemporânea, como incide sobre cada sujeito, que influência tem sobre a forma como cada um se relaciona com as substâncias tóxicas e como contribui para delimitar a diferença entre o que tem sido denominado de ‘toxicomanias’ e a prática configurada como o simples uso de drogas.

Palavras-chave: Uso de drogas, ‘toxicomanias’, discurso do capitalista, sociedade contemporânea, psicanálise lacaniana.

ABSTRACT: Which place of the drugs is in the subject? Which place of the subject is in the drugs? A psychoanalytical view on the phenomenon of drug use nowadays. The human practice of consuming drugs is universal and millenary. According to psychoanalysis, the widest visibility of this use in the present time is related to what Lacan coined as address of the capitalist. In a sense, taking this form of address as guidance for acting nowadays, this paper aims at discussing how this discourse relates to the alarming use of drugs in the present time, how it affects each single subject and what influence it has on the way each one relates to drugs and also how it contributes to delimitate the difference between what has been named as ‘drug addictions’ and the practice of simple drug use.

Keywords: Use of drugs, ‘drug addictions’, address of capitalist, contemporary society, Lacanian psychoanalysis.

* Este artigo é parte integrante da minha dissertação de mestrado, defendida no Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Sociedade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC/SP.

A cada dia, somos testemunhas da grande visibilidade alcançada pelo fenômeno do uso de drogas na nossa sociedade ocidental capitalista contemporânea. Médicos, educadores, assistentes sociais e psicólogos são quase que diariamente convocados pela mídia para tratar desta temática, de forma que o consumo de tais substâncias, chamadas ‘psicoativas’, é hoje considerado, ao mesmo tempo, um problema de saúde mental e de segurança pública.

É bem verdade que a utilização de substâncias consideradas tóxicas consiste em uma prática milenar, realizada por diferentes povos e culturas em contextos históricos diversos. Mas também é igualmente verdadeiro que, nos dias atuais, este fenômeno é parte integrante da lógica capitalista de mercado que, utilizando-se de avanços científicos e tecnológicos, promove a industrialização, bem como a distribuição e venda de tais substâncias, de forma a gerar lucros gigantescos aos grupos que se encarregam deste comércio, que, apesar de ilegal, está inteiramente inserido na racionalidade do nosso sistema econômico. Sabe-se, inclusive, que tais ‘mercadorias’ são vendidas tanto em portas de colégios e de grandes *shoppings centers* como nos morros/favelas — o que nos autoriza a dizer que se trata de um produto aparentemente ‘democrático’, haja vista que atinge todas as classes sociais e econômicas.

A VISÃO DA PSICANÁLISE ACERCA DA UTILIZAÇÃO DE SUBSTÂNCIAS TÓXICAS

No interior do campo da psicanálise, o recurso às drogas é entendido como uma resposta possível do sujeito ao mal-estar que é inerente tanto ao processo de formação das sociedades e culturas como também à própria constituição psíquica do ser humano (FREUD, 1930/1996). Para Sigmund Freud, o criador da psicanálise, o desenvolvimento das civilizações, bem como do psiquismo, impõe sacrifícios à sexualidade e agressividade constituintes do humano e, dessa maneira, a vida torna-se “árdua demais”. A fim de suportar tais sacrifícios, temos que lançar mão do que Freud chamou de “medidas paliativas”, que, de acordo com o mencionado texto freudiano, podem ser basicamente de três tipos: os derivativos poderosos, as satisfações substitutivas e as substâncias tóxicas.

De acordo com Freud, destes, o método mais “interessante” de evitar o sofrimento são as substâncias tóxicas, por agirem diretamente sobre a química do corpo humano e, assim, tornar os homens insensíveis à própria desgraça. Pois, segundo ele, “todo sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado” (FREUD, 1930/1996, p.85). Nesse sentido, certas substâncias tóxicas “quando presentes no sangue ou tecidos, provocam em nós, diretamente, sensações prazerosas, alterando tanto também as condições que dirigem nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis” (Idem, p.86).

Apesar de em todo este texto considerar o recurso às drogas de forma geral, em alguns momentos Freud refere-se a este fenômeno utilizando o termo *intoxicação* e, em outros trechos, fala em *intoxicação crônica*. O primeiro termo é apresentado como um meio de buscar a felicidade e realizar o programa do princípio do prazer e o último como um “consolo” para o homem que fracassa em alcançar tal finalidade pelo caminho da neurose. Nessa perspectiva, o adjetivo “crônico” usado por Freud parece caracterizar uma determinada forma de satisfação obtida a partir de uma específica utilização do tóxico e estabelecer uma distinção em relação às demais. Mas podemos, de fato, afirmar que na contemporaneidade existem modos distintos de relação do sujeito com as drogas?

A posição que vamos defender neste trabalho é que sim, pois o consumo de drogas em uma ‘balada’ por grupos que querem simplesmente obter uma forma de diversão a mais nos parece ser diferente daquele de um sujeito que, por mais que se esforce e tenha sua vida arruinada por tal prática, não consegue dela prescindir. A partir dessa perspectiva, mesmo para aquele que decide pelo recurso às substâncias tóxicas como uma maneira de suportar o mal-estar inerente à civilização e à condição humana, restaria ainda outra possibilidade de *escolha*: drogar-se ou intoxicar-se cronicamente.

Ainda em sua análise sobre o recurso aos tóxicos, Freud também destacou a oposição entre a rigidez da própria escolha de objeto na satisfação tóxica e sua plasticidade na satisfação erótica. Isso porque, se na satisfação tóxica só há um objeto capaz de satisfazer a pulsão, na relação do amante com o objeto sexual, este último é incapaz de proporcionar ao primeiro uma satisfação completa, pois representa apenas um dos substitutos, em meio a uma série infinita, do objeto originário. Nas palavras de Freud (1912/1996), o bebedor não tem nenhuma necessidade de mudar frequentemente de bebida, porque se assim o fizesse, logo se cansaria desta outra, como se fosse a mesma e, assim, é alguém que rompe com a *plasticidade* característica da relação da pulsão com o objeto e se lança no “casamento feliz” com a garrafa.

No entanto, na atualidade, muitos são os autores e psicanalistas que propõem as drogas como mais um objeto de consumo, capaz de proporcionar a obtenção rápida e fácil de prazer, de forma comparável aos demais *gadgets*¹ produzidos pela ciência (MELMAN, 2000; SINATRA, 1996). Porém, se assim o for, como pensar essa relação de fidelidade do sujeito ao produto tóxico, descrita por Freud, já que

¹ *Gadgets* é um termo inglês, amplamente utilizado por Lacan, que caracteriza invenções sem grande utilidade, mas que têm um efeito de divertir os sujeitos, oferecendo-lhes meios de uma fictícia recuperação da satisfação pulsional. Tais invenções contêm, ao mesmo tempo, a ideia de satisfação e de dejetos, o que as aproxima da noção de “pequenos objetos a”: são objetos fabricados para causar o desejo, mas que têm um efeito real de mais-de-gozar (portanto, perda de gozo).

o consumo capitalista caracteriza-se justamente pela insatisfação a curto prazo do consumidor com o objeto, o que faz com que o sujeito queira sempre outro produto, já que o comprado em pouco tempo torna-se obsoleto?

Nesse sentido, é interessante perguntar-se se todo e qualquer uso de substâncias tóxicas na contemporaneidade apresenta esta rigidez descrita por Freud para caracterizar o “casamento feliz” entre o bebedor e o vinho ou se tal afirmação freudiana apenas diz respeito a uma modalidade específica de uso de drogas e que é denominada por alguns como ‘toxicomanias’.

Se Freud usou o termo ‘casamento’ para caracterizar a fidelidade ao produto do bebedor ao vinho, Jacques Lacan (1976), por sua vez, utilizou, mais tarde, este mesmo termo para descrever a infidelidade de determinados sujeitos para com o falo. Para este psicanalista francês, não há outra definição da droga que esta: é o que permite ao sujeito romper o casamento com o pequeno-xixi, isto é, com o gozo fálico; pois este casamento gera angústia, por ser oriundo da operação de castração, a partir da qual o sujeito sempre será falta a ser, visto que o objeto que supostamente poderia completá-lo, fazê-lo pleno, se inscreve como impossível, o que traz como consequência uma perda fundamental de gozo.

Nessa perspectiva, as drogas são concebidas como sendo uma das formas pelas quais o sujeito pode evitar de ter de voltar a confrontar-se com a castração, obturando, assim, a angústia que surgiria como resultado lógico do seu encontro com o desejo do Outro, desejo que, enquanto tal, é marcado pela impossibilidade da existência de um objeto que o satisfaça por completo. Daí o porquê de o gozo oriundo das práticas de intoxicação ser considerado um rompimento com o gozo fálico, já que este último é resultante da operação de castração e, portanto, tributário da Lei que ordena a todo sujeito essa perda estrutural de gozo. E consentir com esta Lei consiste em tolerar o fato de que nenhum objeto será capaz de proporcionar uma satisfação total ao sujeito. Sendo assim, o gozo fálico é o gozo regulado pela interdição ao incesto, a qual, por sua vez, funda a ordem social e simbólica.

Nessa perspectiva, a partir da afirmação lacaniana de que as drogas podem permitir ao sujeito romper com o gozo fálico, ficam as questões: ao romper com o gozo fálico, que modalidade de gozo o sujeito encontraria?² E será que em todo consumo de drogas é possível afirmar haver uma ruptura do sujeito com

² Pela lógica descrita por Lacan no nó borromeo, existem três modalidades de gozo que se encontram enodadas: o Gozo Fálico, o Gozo do Outro e o Gozo do Sentido. Assim, ao romper com o Gozo Fálico, o sujeito situar-se-ia ou no Gozo do Outro ou no Gozo do Sentido. Como o Gozo do Sentido é o gozo que corresponde à satisfação da significação, que pode ser experimentado, por exemplo, através da fixação nos sintomas, faz mais sentido pensarmos, no âmbito da psicanálise lacaniana, o gozo do dito ‘toxicômano’ como estando mais próximo da modalidade chamada de Gozo do Outro, caracterizado pela invasão no corpo de um gozo estrangeiro que assujeita o sujeito.

o gozo fálico? A modalidade de gozo obtida com as drogas poderia ser, então, um indicativo da posição do sujeito em relação a esses objetos tóxicos? E romper com o gozo fálico, o gozo que regula as normas e os laços sociais, implicaria em romper com a lógica socialmente instituída?...

AS DROGAS E O SOCIAL

A respeito da posição ocupada pelo sujeito contemporâneo que faz uso de drogas na lógica social mais ampla, no âmbito da psicanálise lacaniana, persiste uma intensa discussão: enquanto existe, por um lado, quem aproxime este hábito ao *modus operandi* da ideologia neoliberal, há, por outro lado, autores que opõem essas duas lógicas de funcionamento. Os primeiros concebem as drogas como mais um dentre os vários objetos de consumo existentes. Tal concepção apresenta as substâncias tóxicas como estando a serviço da economia de mercado e tem como exemplo máximo as pessoas que delas fazem uso como uma forma de ficarem mais adaptadas às exigências do mundo contemporâneo: afastando o cansaço, produzindo mais e melhor, aguçando a criatividade, suportando as frustrações etc.

Essa é a perspectiva defendida, por exemplo, pelo psicanalista Charles Melman, segundo o qual

“a toxicomania é o triunfo e a verdade da economia de mercado. O fato de que existe um objeto fabricado suscetível de anular todo gozo outro que não aquele que ele oferece, suscetível, por outro lado, de provocar o que se chama esse ‘estado de dependência’ que faz com que não seja mais possível prescindir dele, que, uma vez que se provou, se adotou e para sempre, isso é muito exatamente o ideal de todos que se arriscam a lançar produtos no dito mercado.” (MELMAN, 1997, p.118-119, grifos nossos)

Apesar de aparentemente coerente, tal concepção é controversa. Prova disso é que outra vertente de psicanalistas, também lacanianos, encabeçados por Colette Soler, acredita que, na verdade,

“O toxicômano é um insubmisso ao gozo universalizado da civilização. [...]. Ele não o sabe, ou seja, é alguém que se recusa a entrar no que chamamos de o gozo fálico, visto que o gozo fálico não é apenas o gozo do órgão, mas também o gozo que sustenta toda competição social, toda a circulação da competição no mundo social. Ele se põe de lado, não entra, não aceita correr como todos os demais para fazer uma carreira, para afirmar-se e alcançar algo na vida, ou seja, tudo o que em geral alguém sonha para seus filhos: uma realização social.” (SOLER, 1998, p.50)

Há, a nosso ver, entre esses pontos de vista, uma contradição. No primeiro, os ditos 'toxicômanos' são colocados como aqueles que realizam o ideal da sociedade capitalista, por consumirem fiel e em quantidades cada vez maiores o mesmo objeto, enquanto no segundo as chamadas 'toxicomanias' são percebidas como podendo representar um perigo para a própria lógica do capitalismo que rege a sociedade de consumo: pois, se os chamados 'toxicômanos' são considerados como aqueles que se negam a produzir e a consumir outros produtos que não as drogas, o próprio funcionamento do regime capitalista ficaria comprometido no caso de um aumento numérico drástico dessa população e, além disso, indo ao extremo, a morte se apresenta sempre como uma possibilidade no horizonte desses sujeitos, possibilidade que inviabiliza que eles continuem a ser consumidores. Talvez pudéssemos pensar ser esta diferença que explica minimamente o fato de as 'toxicomanias' serem tão malvistas na nossa sociedade, enquanto o simples uso de drogas é bem mais tolerado.

Sendo assim, é necessário pensar com cuidado tanto uma como outra concepção acerca da relação dos fenômenos ditos 'toxicomaníacos' com a lógica social e econômica instituída. Como explicar que, aparentemente, um 'mesmo' fenômeno resulte em considerações tão diversas? Não seria porque não se trata do mesmo? Ou seja, essas posições teóricas diferenciadas não poderiam ser compatíveis caso se considerasse que existem diferentes formas de relação do(s) sujeito(s) com as drogas e que nem todas elas constituem o que é chamado vulgarmente de 'toxicomanias'? Nesse caso, estaríamos autorizados a pensar que, se no fenômeno estritamente chamado de 'toxicomanias', há um rompimento com o gozo fálico e, portanto com a lógica social, no uso de drogas (quer seja ele eventual, recreativo, ocasional etc.) não? Pois, conforme já dito antes, acreditamos que tão somente o fato de alguém usar drogas não é suficiente para caracterizar o que é considerado social e clinicamente como 'toxicomanias'.

Esta diferenciação entre as formas de consumo de drogas existentes na contemporaneidade, tal como estamos tentando articular aqui, também é sistematizada por outras áreas de saber. Um recente estudo encomendado pela Unesco, por exemplo, distingue quatro tipos de usuários de drogas: o experimentador, que experimenta um ou vários tipos de drogas, mas seu contato se restringe às primeiras experiências; o ocasional, que utiliza uma ou várias drogas de vez em quando, sem, no entanto, apresentar dependência; o habitual, que faz uso frequente, mas ainda "funciona" socialmente; e o dependente (chamado também de 'toxicômano'), que vive pela e para as drogas e seus vínculos sociais são por elas bastante prejudicados ou até mesmo rompidos.

Por sua vez, também de acordo com o DSM IV (1994), existem sete critérios clínicos capazes de diferenciar um uso de drogas daquilo que é considerado uma 'verdadeira' dependência química. São eles: tolerância, abstinência, con-

sumo maior que o pretendido de início, perda de controle, dispêndio de muito tempo para a substância, relevância do uso e fracasso do indivíduo em abster-se da sua utilização.

Em perspectiva semelhante, a Organização Mundial da Saúde, para definir uma dependência química, defende ser necessário considerar a quantidade, a frequência do uso e pelo menos três dos seguintes sinais: compulsão, consciência da dificuldade para controlar o uso, uso para atenuar sintomas de abstinência, evidência de tolerância, consumo em ambientes não propícios ou a qualquer hora, perda de prazeres ou interesses, retorno ao uso de drogas após período de abstinência com reinstalação do quadro anterior e persistência do uso em detrimento das evidências danosas.

A psicanálise também concorda que “nem todo consumo de drogas deve ser enquadrado na condição mórbida para a qual se criou uma profusão de denominações: drogadição, dependência, vício ou toxicomania” (PACHECO FILHO, 1997-1998, p.132). E, sendo assim, considera que “é preciso diferenciar os simples usos de estupefacientes de um imperativo de tratamento do organismo por um tóxico, quando este se torna o único meio de conservar, a cada dia, um corpo ao abrigo de uma dor intolerável” (KAUFMANN, 1996, p.542). Portanto, “o conceito de toxicomania exclui o uso eventual, recreativo ou habitual das drogas. Considera-se a ‘toxicomania’ a relação intensa e exclusiva, na qual o uso de drogas já se tenha estabelecido também como uma função na vida psíquica do sujeito” (CONTE, 2000, p.11) e uma função que diz de uma forma de gozo muito particular.

De fato, estatisticamente falando, segundo o relatório de drogas publicado pela Organização das Nações Unidas no ano de 2007, “cerca de 200 milhões de pessoas usam drogas no mundo. Apenas um oitavo delas tem problemas de dependência. (...) os outros sete oitavos são usuários ocasionais” (ARAÚJO, 2007, p.69). Isso significa que menos de 10% das pessoas que experimentam uma droga, alguma vez na vida, farão desse uso o que é considerado uma ‘toxicomania’. E sendo assim, é cabível supor que o contexto sociocultural atual, mesmo contribuindo para um aumento significativo do consumo de substâncias tóxicas, através do imperativo do ‘prazer a qualquer preço’, não é suficiente para explicar o porquê de alguns sujeitos, com singularidades e idiosincrasias, fazerem da droga uma escolha *mortífera*, nos casos chamados de ‘toxicomanias’.

Desse modo, parece haver, em todos esses campos de saber aqui citados, uma reconhecida diferença entre as várias modalidades de usuários de drogas e as formas de uso dessas substâncias. Porém, se tanto para as ciências sociais como para a medicina e a psiquiatria clássica tais diferenças pautam-se principalmente na quantidade e frequência do uso de drogas, para a psicanálise, os critérios capazes de diferenciar os tipos de usuários e as formas de uso existentes só podem dizer respeito à modalidade de gozo experimentada e suportada por eles.

E, sendo assim, no âmbito psicanalítico, persistem as perguntas: que modalidade de gozo perpassa cada uma dessas formas de se relacionar com as drogas? Todas estão inseridas na lógica do discurso do capitalista? O que permite ao usuário não tornar-se ‘toxicômano’? Se o consumo capitalista é uma lógica mundial, culturalmente instituída e generalizada, não sendo possível dele prescindir por completo, quando ele configura o que pode ser considerado por alguns como uma ‘patologia’? Enfim, o que, à luz da psicanálise, testemunha a distinção entre o simples uso de drogas e o que é considerado usualmente como uma “verdadeira ‘toxicomania’”?

Concordamos com a afirmação do psicanalista francês Hugo Freda (1993) de que não são as drogas que fazem o dito ‘toxicômano’ e sim “é o toxicômano que faz a droga” (p.2). Isto é, acreditamos que é uma particular relação de um sujeito com um objeto que confere a este último o poder de converter-se em uma fonte de gozo da qual o próprio sujeito não consegue mais prescindir.

Por esse motivo, “torna-se, então, necessário poder situar-se, precisamente, o lugar que a droga ocupa no modo particular de satisfação de um sujeito determinado” (SANTIAGO, 2001, p.110). Ou, em outras palavras, é de suma importância ter ferramentas teóricas que nos possibilitem diferenciarmos as várias formas de uso de drogas, para que, assim, possamos fazer um uso mais cuidadoso e criterioso, clínica e socialmente, do termo ‘toxicomania’, o qual, segundo Lacan (1966), tem sido usado de uma maneira puramente policial.

AS DROGAS E OS MODOS DE GOZO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

Atualmente, muitos pensadores consideram o uso de drogas como mais um sintoma da contemporaneidade, associando-o como resultante do que eles chamam de uma inflação narcísica própria da nossa sociedade (LASCH, 1983; LIPOVETSKY, 1989; BAUMAN, 1998). Para estes, esse posicionamento justifica-se pelas características individualistas e hedonistas que regem a nossa época.

No entanto, gostaríamos de ressaltar aqui que, se retomarmos rigorosamente a noção metapsicológica do conceito de narcisismo tal qual desenvolvido por Freud e retomado por Lacan, podemos perceber que o abandono à morte que em última instância se encontra no horizonte destes chamados sintomas atuais (anorexias, bulimias, ‘toxicomanias’ etc.) aproxima-se muito mais de uma degradação (morte) do eu do que de sua exaltação e/ou inflação. Nessa perspectiva, consideramos que o movimento em direção à morte e ao gozo mortífero propiciado pela relação com as drogas nas formas de uso chamadas de ‘toxicomanias’ e, em especial, nos casos em que estas culminam em *overdoses*, parece caracterizar muito mais o triunfo da pulsão de morte em relação ao narcisismo e ao eu do que o contrário.

Segundo Pacheco Filho (2005), de fato, só faz sentido empregarmos o termo ‘narcisista’ para nos referirmos ao sujeito da nossa cultura atual se não fizermos

uso *stricto sensu* deste conceito psicanalítico. Isso porque, para analisarmos de modo coerente a busca de ideais e de modelos de perfeição pela via dos objetos de consumo tal como vemos na atualidade, é preciso levar em consideração que essa busca é respaldada pelo valor que os outros e a sociedade como um todo conferem aos mesmos — o que não nos autoriza a falar em investimento puramente no eu, tal como é em geral concebido pelo uso do termo ‘narcisismo’. Tal reflexão nos permite afirmar que no horizonte destes sintomas denominados ‘narcísicos’ ou contemporâneos estão os outros e o Outro como orientador do ideal de eu e do eu ideal, o que difere da concepção de fechamento e ensimesmamento narcísico defendido por alguns autores como modelo explicativo para determinados fenômenos contemporâneos.

Além do mais, se concordamos que nas chamadas ‘toxicomanias’ há um rompimento, momentâneo ou não, com os ideais fálicos que orientam a vida em sociedade (SOLER, 1998) e que são regulados pela relação do sujeito com os outros e o Outro (laços sociais), podemos pensar haver nos fenômenos denominados ‘toxicomaniacos’ algo mais da ordem de um ‘enfraquecimento do narcisismo’ enquanto forma de preservação do eu e dos laços sociais, já que estes fenômenos se caracterizam justamente pela submissão do eu às drogas, do que uma “exacerbação do narcisismo”. Seguindo esse raciocínio, é muito mais rigoroso teoricamente, no campo da psicanálise freudo-laciana, pensarmos, por exemplo, um recuo diante das drogas de forma mais articulada ao conceito psicanalítico de narcisismo, enquanto uma forma de preservação narcísica (do eu), do que um princípio de *overdose*, este sim um passo em direção à morte, ao apagamento do eu.

A partir desta articulação, nos parece válido propor o conceito de narcisismo como uma das possíveis chaves para a compreensão, no campo psicanalítico, da distinção entre o fenômeno do uso/consumo de drogas e a modalidade que tem sido chamada correntemente de ‘toxicomanias’. Isso porque, para nós, um uso de drogas respaldado pelo recuo do sujeito diante da morte apresenta, em relação às chamadas ‘toxicomanias’ propriamente ditas, uma diferente posição ‘narcísica’: ao abandono do eu à morte que caracteriza esta última modalidade corresponde, momentaneamente que seja, certa ‘preservação’ deste mesmo eu (recuo diante de um excesso mortífero) na primeira.

Tal afirmação distingue nosso ponto de vista das vertentes teóricas e autores que pensam as ditas ‘toxicomanias’ como uma exacerbação do narcisismo. De acordo com este nosso posicionamento, acreditamos poder defender uma distinção entre o ‘narcisismo’ (não no sentido estritamente metapsicológico) que se articula ao ideal capitalista e ao império das imagens como forma de laço social, regulado pela lógica fálica, e certo ‘enfraquecimento’ da preservação narcísica, do sujeito como ser vivente, que caracterizaria a modalidade de uso de drogas que se convencionou chamar de ‘toxicomanias’.

Nesse sentido, nos propomos a situar uma diferença, que nos parece fundamental, entre os modos de uso de drogas existentes na atualidade: de um lado, a lógica e o ideal subjacentes a nossa cultura e os objetos de consumo na vertente dos *gadgets* e do gozo regulado pelos ideais fálicos e sociais, e, do outro, as chamadas ‘toxicomanias’, que rompem com a lógica regulada fálica e socialmente. Evidentemente, não estamos propondo que se trate de dois polos antagônicos ou separados, visto que a própria sociedade e a ideologia capitalista propõem as drogas como mais um *gadget*, consumíveis como quaisquer outros objetos de consumo, depositando também nelas a esperança de que o sujeito possa se remediar dos efeitos da castração.

Porém, a particularidade das drogas em relação aos demais *gadgets* é que ela pode vir a permitir uma ruptura do sujeito com o gozo fálico (LACAN, 1976) e, portanto, uma via de acesso a um gozo Outro (não fálico).³ Esta nos parece ser uma diferença esclarecedora acerca das modalidades de consumo de drogas existentes na contemporaneidade. Desse modo, a nosso ver, é possível afirmar haver uma distinção entre as drogas utilizadas na vertente de mais um *gadget* e as drogas como objeto do gozo monótono das chamadas ‘toxicomanias’.

Tal diferenciação se articula ao fato de que os *gadgets*, como objetos referidos ao mais-de-gozar (LACAN, 1969-1970/1992), implicam o gozo fálico, descrito por Lacan (1976) como exatamente com o que as ditas ‘toxicomanias’ permitem romper. Nesse sentido, se no consumo/uso de drogas, as drogas desempenham a função de objeto mais-de-gozar (objeto *a*), sempre faltoso, nas toxicomanias, a função parece ser a de objeto causa de gozo⁴ (cristalização do objeto *a* no objeto droga), mas um gozo que escapa à regulação fálica, um gozo que é definido por alguns autores como um modo de recuperação do gozo do Outro (SANTIAGO, 2001; MELMAN, 2000), um gozo invasivo que se apodera do sujeito.

Tal distinção entre as funções desempenhadas pelas drogas nas diferentes configurações de consumo destas substâncias tóxicas tem consequências também na forma de laço social por elas engendradas. Isso porque, no nosso contexto de capitalismo de consumo, muitos autores reconhecem que as drogas, tanto lícitas como ilícitas, podem vir a fomentar uma nova forma de laço social (ALBERTI, 1998; PEREIRA, 2006). Tal fato, talvez restrito a algumas modalidades

³ De acordo com Lacan (1973/1985), o Gozo Outro é o gozo não-todo fálico, o gozo para além do falo, suplementar à lógica fálica; um gozo que escapa ao discurso e que consiste em um modo de recuperação do gozo pleno só possível antes da entrada do sujeito na linguagem. Por ser um gozo sem palavras e que invade o sujeito, assujeitando-o, é possível aproximá-lo da forma de gozo extraída nas adições (a-dições = sem palavras).

⁴ Esta expressão ‘objeto causa de gozo’ não é muito conhecida, mas da qual Lacan (1968-1969) se utilizou para falar de uma tentativa de anular o Outro por meio da cristalização do objeto.

de consumo de drogas, é especialmente notável na adolescência, por exemplo, por fatores como apropriação de insígnias fálicas, trabalho de separação⁵ dos pais, entrada na cena social etc., mas também, e especialmente, pelo fato de a adolescência na nossa sociedade capitalista ocidental se caracterizar no mais das vezes por uma passagem abrupta da infância para a vida adulta que não conta mais, diferentemente de outrora, com ritos de passagem e de iniciação solidamente constituídos e, em razão disso, o sujeito precisa encontrar outras formas de marcar essa mudança de uma fase a outra, a passagem do âmbito familiar para a ordem social mais ampla, o que talvez explique, em alguns casos, o recurso às bebidas, drogas, piercings, tatuagens, participação em gangues etc.

Por outro lado, outros autores consideram, por exemplo, que a modalidade de consumo de drogas por eles denominada 'toxicomanias' não é capaz de propiciar o estabelecimento de laços sociais (NOGUEIRA FILHO, 2004; SINATRA, 1996). Um dos argumentos em favor dessa afirmação é o de que as ditas 'toxicomanias' são uma das formas de mal-estar na civilização atual predominantemente oriunda do discurso do capitalista (QUINET, 2006). E

“o discurso do capitalista, efetivamente, não promove o laço social entre os seres humanos. [...] incita um autismo induzido e um empuxo-ao-onanismo, fazendo a economia do desejo do Outro e estimulando a ilusão de completude não mais com a constituição de um par, mas sim com um parceiro conectável e desconectável ao alcance da mão. Isso pode efetivamente levar a decepção, tristeza, nostalgia do Um em vão prometido ou a diversos tipos de toxicomanias, entre as várias doenças do discurso capitalista.” (QUINET, 2006, p.38, grifos nossos).

De fato, em 1972, Lacan já havia afirmado que o discurso do capitalista é algo condenado à morte, visto que, estritamente falando, é a morte, tanto social, subjetiva e física, que, no limite, se encontra no horizonte deste discurso no qual, estruturalmente, não há circulação entre os termos, visto que as duas setas existentes só apontam em uma direção unívoca ($\$ \leftarrow a$ e $S_2 \leftarrow S_1$) — o que testemunha uma 'colagem' do sujeito ao objeto e a não-escansão entre os significantes. Porém, a 'colagem' do sujeito ao 'objeto droga' nos parece muito mais característico de um tipo de consumo de drogas que a maior parte dos autores tem chamado de 'toxicomanias' do que das outras formas de uso de drogas existentes, que ainda são reguladas pelos laços sociais,⁶ nos quais o tóxico é inserido em uma série em

⁵ Separação é a operação descrita por Lacan como sendo fundante do sujeito. Apesar disso, a adolescência é vista como um momento de reafirmação da mesma.

⁶ Como exemplo disso, é possível citar usuários de drogas que se reúnem em diversas comunidades existentes no Orkut para compartilhar suas experiências e seus conhecimentos acerca das substâncias tóxicas, formando grupos que chegam a se encontrar pessoalmente e a constituir vínculos reais de convivência.

que comparece como *gadget* juntamente com outros objetos, situação na qual as substâncias tóxicas não só não acarretam prejuízo aos laços sociais como também os estimulam em alguma medida, como, por exemplo, por meio da formação de grupos que se reúnem em torno de um significante comum (drogas).

Dessa forma, caberia pensar se toda modalidade de uso de drogas está inscrita no discurso do *capitalista* e, portanto, acarreta danos aos laços sociais e tem como destino último a morte ou se esta é uma característica que apenas pode ser associada a determinados modos de utilização das substâncias tóxicas e que têm sido chamados por vários autores de ‘toxicomanias’.⁷ Visto que é esta a modalidade que se caracteriza por acarretar danos (rompimentos) aos laços sociais e à própria manutenção da vida do sujeito.⁸

Pois, por mais que todos esses sintomas ditos contemporâneos tenham relação com o discurso dominante de uma época, nesse caso o *discurso do capitalista*, há diferentes modos de o sujeito se posicionar frente a ele. Consideramos que é isso o que nos mostra a existência de diferentes modos de utilização das substâncias tóxicas na atualidade. Além disso, acreditamos ainda que são esses diferentes modos de se posicionar em relação a um discurso dominante social e culturalmente que permite fazermos a passagem da ordem social do mal-estar para a ordem subjetiva e singular do sintoma — o que justifica o fato de que nem todos que usam drogas fazem dessa prática um outro modo de gozo (gozo Outro).

Por tudo isso, acreditamos ser possível sustentar a existência de diferentes modalidades de uso de drogas na nossa sociedade, as quais, além de estarem pautadas nas idiosincrasias de cada constituição psíquica e no modo de gozo suportado por cada sujeito singular, remontam também a distinções na relação dos sujeitos com a cultura e com o campo social mais amplo. Portanto, com este trabalho, gostaríamos de salientar que não se trata apenas de afirmar que

⁷ Aqui, duas ressalvas se fazem necessárias: a primeira é a de que os laços sociais são estruturados a partir do impossível, mas a única forma de “impossibilidade total do laço social tem um outro nome: autismo. Mas mesmo isso não quer dizer que o autista esteja completamente fora do laço social, pois ele faz tentativas de vínculo” (QUINET, 2006, p. 29), o que, por analogia, podemos estender às chamadas ‘toxicomanias’, nas quais não acreditamos haver um total rompimento com o laço social, mas uma maior dificuldade no estabelecimento dos mesmos; a segunda ressalva é a de que há controvérsias se o dito ‘toxicômano’, de fato, é alguém que está totalmente inserido no ideal e discurso capitalistas — questão que já foi discutida minuciosamente aqui.

⁸ É interessante ressaltar que concebemos todas as modalidades de uso de drogas existentes na atualidade como estando respaldadas na lógica do capitalismo, ou seja, na lógica do consumo, visto que consideramos ser esta a especificidade das substâncias tóxicas no período histórico contemporâneo. Porém, o *discurso do capitalista*, tal como sistematizado por Lacan, é algo que é definido como “condenado à morte”, que “se consuma”, no qual o próprio sujeito é quem é consumido (desaparece), o que nos parece mais próximo de uma forma de uso de drogas que se convencionou chamar de ‘toxicomanias’ do que de um consumo de drogas ocasional e/ou recreativo, ainda regulado pela lógica fálica e social.

cada caso é um caso e/ou que cada forma de uso de drogas é único, mas também de tentar estabelecer critérios psicanalíticos mais ou menos abrangentes que, por mais que levem em conta a singularidade subjetiva, sejam capazes também de apontar para as diferenças entre as formas de uso de drogas existentes no nosso contexto contemporâneo. Só assim não correremos o risco seja de ficar, por um lado, em um relativismo inócuo incapaz de orientar minimamente a escuta clínica e as intervenções sociais, ou, por outro lado, em uma definição que Lacan chamou (1966) de ‘policialesca’, por considerar que todo e qualquer tipo de uso de drogas equivale ao que é chamado mais ou menos vulgarmente de ‘toxicomanias’.

Recebido em 9/7/2008. Aprovado em 25/8/2008.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, S. (1998) “Adolescência e droga: um caso”, in BENTES, L. & GOMES, R. F. (Orgs.) *O brilho da infelicidade*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- ARAÚJO, T. (2007) Drogas: proibir é legal? *Revista Superinteressante*, n.244. São Paulo: Editora Abril, p.62-71.
- BAUMAN, Z. (1998) *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CONTE, M. (2000) “A clínica psicanalítica com toxicômanos: o ‘Corte & Costura’ no enquadre institucional”. Tese de doutorado, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- DSM-IV. (1994) *Manual diagnóstico estatístico de perturbações mentais*. Lisboa: Climepsi.
- FREDA, H. (1993) “Quem lhe disse isso?”, in Centro Mineiro de Toxicomania (Org.) *Coletânea do Centro Mineiro de Toxicomania*. Belo Horizonte: Editora interna do Centro Mineiro de Toxicomania.
- FREUD, S. (1996) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago.
- (1912) “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera amorosa (contribuições à psicologia do amor II)”, v.XII, p.185-195.
- (1930) “O mal-estar na civilização”, v.XXI, p.67-153.
- KAUFMANN, P. (1996) *Dicionário enciclopédico de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1967-1968) *O seminário, livro XVI: De um Outro ao outro*. Edição não comercializável.
- . (1966) *La place de la psychanalyse dans la medecine. Cahiers du Collège de Médecine*. Paris: Seuil, p.761-774.

- _____. (1969-1970/1992) *O seminário, livro XVII: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1972) *Du discours psychanalytique. Lacan en Italie*. Paris: Seuil, p.32-54.
- _____. (1976) *Journées des cartels de l'École Freudienne de Paris. Lettres de l'École Freudienne*, n.18. Paris: Seuil, p.263-270.
- LASCH, C. (1983) *A cultura do narcisismo*. São Paulo: Brasiliense.
- LIPOVETSKY, G. (1989) *A era do vazio*. Lisboa: Relógio D'Água.
- MELMAN, C. (1997) "Por que o ICMS não é aplicável à sessão de psicanálise?", in GOLDEMBERG, R. (Org.) *Goza!: capitalismo, globalização e psicanálise*. Salvador: Ágalma.
- _____. (2000) *Alcoolismo, delinquência e toxicomania — uma outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta.
- NOGUEIRA FILHO, D. M. (2004) *Toxicomanias*. São Paulo: Escuta.
- PACHECO FILHO, R. A. (1998-1999) *Drogas: Um mal-estar na cultura contemporânea. Psicanálise e Universidade: Revista do Núcleo de Pesquisas Psicanalíticas e do Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Sociedade da PUC/SP*, n.9-10. São Paulo: Educ, p.119-147.
- _____. (2005) *O capitalismo neoliberal e seu sujeito. Mental: Revista de Saúde Mental e Subjetividade da Universidade Presidente Antônio Carlos*, v.II, n.4. Barbacena: Unipac, p.155-173.
- PEREIRA, S. (2006) "O uso e o abuso de drogas na adolescência", in CIRINO, O. & MEDEIROS, R. (Orgs.) *Álcool e outras drogas: impasses, escolhas e saídas possíveis*. Belo Horizonte: Autêntica.
- QUINET, A. (2006) *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- SANTIAGO, J. (2001) *A droga do toxicômano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- SINATRA, E. (1996) "Paradojas del consumo: tontos, cínicos e canallas", in *La racionalidad del psicoanálisis*. La Paz: Plural.
- SOLER, Colette (1998) "Sobre a segregação", in BENTES, L. & GOMES, R. F. (Orgs.) *O Brilho da infelicidade*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Cynara Teixeira Ribeiro
cynara_ribeiro@yahoo.com.br